

SOCIEDADE E ESCOLA: ANÁLISE DE ELEMENTOS DA CULTURA

Luís Távora Furtado Ribeiro

A discussão sobre a ética, para além de estereótipos ou modismos de ocasião, escolar a realidade escolar numa sociedade complexa e em permanente mudança. Durante décadas essa discussão esteve centrada em duas temáticas e preocupações fundamentais com os destinos da humanidade: — a primeira, era a superação da pobreza e da miséria aliadas à necessidade urgente e ao compromisso político de superação das desigualdades sociais; — uma segunda preocupação na Guerra Fria, dava conta da possibilidade concreta de destruição da vida na Terra por meio do armamentismo e da preocupação com a iminência de uma guerra nuclear.

Atualmente, surge como temática inadiável uma nova preocupação com a possibilidade concreta de destruição do planeta e da vida humana pela acelerada degradação do meio ambiente e de todo nosso ecossistema: seja pela poluição, seja por todas as outras formas de agressão ao meio ambiente. A dimensão mais preocupante dessa discussão ética é que o inadiável debate sobre a questão ambiental parece passar ao largo de qualquer menção, seja com relação a temáticas sociais e à redução das desigualdades sociais e à da pobreza, seja quanto à temática armamentista e aos gastos militares. A despolitização da questão ambiental torna-se muito útil aos setores sociais neoconservadores, interessados em ocultar sutilmente essa temática potencialmente explosiva, investindo num modelo de ocultar conflitos e acalmar consciências, além de esconder e adiar se possível as tensões sociais.

Aspectos da Modernidade, da Ética e da Educação Hoje

A modernidade se inicia e se desenvolve há pelo menos quinhentos anos. Nas artes, na ciência e na re-

ligião, ela surge com o renascimento cultural e a reforma protestante. Na economia e na política ela se baseia na ascensão burguesa com suas promessas sedutoras de um mundo de fartura, liberdade e igualdade para todos.

Em síntese ela trazia, pelo menos, três promessas fundamentais: — a concepção do homem como ser livre e racional; — a crença nos poderes ilimitados das ciências que venceriam todos os males, libertando os homens das credices e superstições; — por fim, a certeza de que a história conduziria a Humanidade a um progresso inexorável.

No final do século XX, uma ruptura com os valores e princípios modernos aparece e se desenvolve no que se convencionou chamar de pós-modernidade. Se podemos resumi-la, ela parte de um questionamento a respeito de todos os fundamentos da modernidade, encontrando neles apenas engano e ilusão. Transitando da filosofia à arquitetura, da sociologia à economia, da política à literatura, seus questionamentos se resumem a três pontos principais: — ao fracasso da razão, visto que ela não impediu o avanço das guerras, do armamentismo, do individualismo e da devastação da vida na Terra; — à descrença nos poderes e na promessa da ciência de reduzir os males que afligem a humanidade; — à convicção de que o avanço da história não conduziria, com garantia, ao progresso da humanidade.

Como mencionamos num texto em 1996, a crise da modernidade

[...] atinge todo o pensamento moderno, do Iluminismo ao Estruturalismo, da Antropologia ao Marxismo e à Psicanálise” [...] Com relação às ciências, o pós-estruturalismo e a “virada linguística” põem em cheque o sujeito humanista e sua consciência como fonte de ação, superada pelas divisões estabelecidas pela linguagem e pelo discurso. Sujeito e consciência deixam de parecer autônomos, determinantes, soberanos, fixos e estáveis (RIBEIRO, 1996, p. 69).

Mesmo em profunda crise, a modernidade se mantém presente até os dias atuais, com especial influência no âmbito da educação, nas relações entre grupos, na constituição de subjetividades e na produção da cultura. Vale dizer que muitas dessas influências atuam de forma combinada em nosso inconsciente, proporcionando respostas articuladas, ordenadas e complexas. Nesse contexto, demonstramos a existência desses contornos culturais que influenciam, não apenas a educação, como todas as demais dimensões da vida humana.

Para iniciar esse debate sobre a cultura escolar, apresento uma síntese de três grandes projetos éticos que encontramos na sociedade atual: — a ética cristã; — a ética socialista; — e a ética que eu denominaria de liberal-capitalista.

- a ética cristã poderia ser sintetizada num grande princípio: o amor radical pelo próximo. Um amor tão radical que seria capaz de dar a própria vida pelo outro. Essa prática original e milenar nada teria de meramente teórica, constituindo-se como grande utopia que tem movido secularmente importantes setores da humanidade.

Falando do cristianismo, a filósofa Hannah Arendt (1982) diferencia as expressões e os sentimentos de paixão e da compaixão. Para ela, a paixão seria a capacidade que todos temos de sofrer, ao passo que a compaixão seria a possibilidade de sofrer com o outro. Ela afirma ainda ser o cristianismo a maior expressão de compaixão conhecida pelo mundo ocidental, e que ele sobreviverá como utopia, mesmo na modernidade. Nesse sentido, o amor ao próximo prossegue como esta grande utopia e como projeto ético fundamental, especialmente nesses dias de violência, competitividade e individualismo atuais.

- quanto ao projeto ético socialista, ele também poderia ser resumido, em linhas gerais, numa

única expressão: a luta incansável e ininterrupta contra qualquer forma de exploração — seja do homem pelo homem; — seja do homem pela empresa; — seja do homem pelo Estado. Esse compromisso, que denomino aqui como ética socialista, permaneceria como outra grande utopia humana, na luta contra todas as formas de injustiça e de exploração.

- um terceiro projeto que parece hegemônico nos dias atuais é o que eu denominaria de modelo liberal-capitalista. Ele poderia ser sintetizado como o reconhecimento de um único sentido para a vida humana: a conquista da liberdade expressada concretamente pelo acúmulo individual de riquezas. Nesse contexto, tudo seria submetido ao tipo ideal capitalista do trabalho, do dinheiro e do consumo, numa sociedade cada vez mais massificada, individualista e individualizada. Seu projeto histórico fundamental seria o de desenvolver uma sociedade de consumo de massas, convivendo com uma teia de relações sociais unicamente baseadas na competição e na disputa de todos contra todos pelos recursos escassos.

Partindo desse confronto de concepções de vida e visões de mundo tão atuais, proponho com Manfredo Oliveira (1995) um verdadeiro acordo mundial que ele denomina *consenso racional mínimo*. São compreensíveis as dificuldades de se estabelecer qualquer acordo possível entre utopias centradas no outro ou na sociedade — como nas éticas cristã e socialista —, diante de uma política centrada unicamente em si mesmo — como no modelo capitalista liberal.

O que tratamos aqui é da urgência do estabelecimento de condições mínimas para a preservação da vida em nosso planeta. Daí, algumas sugestões aparecem como, indispensáveis, inadiáveis e fundamentais, dentre elas — o incessante combate à exploração e à

pobreza; — o fim do armamentismo e a redução nos gastos militares; — além da preservação do meio ambiente e da vida na Terra.

Aspectos da Violência: as Classes Sociais, o Estado e a Juventude

Para Max Weber (1854-1920), o papel do político era o de exercer a liderança, independentemente até da conquista do poder, num ambiente de acirrada disputa pela adesão ou convencimento de eleitores ou da opinião pública. Por sua vez, caberia unicamente ao Estado o exercício legítimo do monopólio da violência, “garantindo a obediência daqueles que a Ele se submetem” (ANDERSON, 1996, p. 100).

Nesse contexto social capitalista, reaparece como violência fundante a violência de classe. Cada vez mais os mecanismos de poder e de dominação se aperfeiçoam, aparecendo muitas vezes para olhares desavisados como normais e aceitáveis. Nesse sentido, nunca foi tão atual a expressão *violência simbólica* que, de acordo com Pierre Bourdieu (1979), oculta como se fossem naturais a força e a opressão dos dominantes.

Mais uma vez de acordo com Hanna Arendt (1982) e com Herbert Marcuse (1964), aconteceu uma mudança fundamental, aproximadamente, entre os séculos XIX e XX. Num primeiro momento, teríamos vivido o século das classes sociais em conflito. No século XX, especialmente a partir da década de 1950, teríamos assistido à eclosão da sociedade de massas. Antes, os mecanismos de poder dos patrões contra os operários se davam, especial e principalmente, pela exploração do trabalho. Hoje, esses mecanismos de poder e controle se tornam ainda mais sutis e complexos, e são potencializados pelo desemprego em massa, pela exclusão social e pela concentração de riquezas, agravados pela massificação, pelo consumismo, pelo individualismo e pela violência.

O que se torna ainda mais grave com relação à educação e à escola, é que as aspirações de estudantes e educadores, como os anseios das imensas maiores da população, correm o risco de assumir aquele modelo como se fosse o único possível, o que pode tornar ainda mais forte e resistente a visão de mundo conservadora.

Com relação ao controle das massas, reaparecem o Estado e a grande empresa como atores potencialmente fundamentais da dominação social. Nunca na história da humanidade esses mecanismos de informação e controle foram tão eficazes, utilizando os mais modernos recursos da eletrônica e da informática. Radares, câmeras, informações *on line*, arquivos virtuais e a burocracia atingem os indivíduos de modo que todos se sintam vigiados e monitorados, como se isto servisse para sua própria proteção. Parece cumprir-se assim o grande objetivo da burocracia: impedir a ação social. Na realidade, o que ocorre é liberdade e desregulamentação para os ricos, vigilância, acompanhamento e controle para os outros setores sociais. Isso não impede o surgimento e o desenvolvimento de diversas formas de movimentos de resistência através de diferentes formas sociais de reação, inclusive utilizando as mais modernas técnicas de informação e as novas tecnologias. Como pode ser o caso das redes sociais e da *Internet*.

Nesse contexto social revelado acima, um dos aspectos cruciais dos dias atuais é a vida das populações mais jovens, especialmente as mais pobres. A Sociologia e a História, como outras ciências sociais, têm procurado compreender esse contexto criando uma explicação para a experiência da violência juvenil. Eric Hobsbawm (1996) define essa “cultura da violência” criando a categoria de “presente contínuo”. Assim, tratar-se-ia de viver apenas o momento, fruir o presente, como se não houvesse futuro, ou não existisse qualquer relação do tempo presente, com o ontem ou com o amanhã.

Tudo pareceria tratar-se de uma espécie de desespero coletivo, agravado pelas frustrações da pobre-

za, pelas gigantescas carências sociais e potencializado pelos sonhos e aspirações de consumo, quase nunca atendidos. Em se tratando das classes médias e ricas, o apelo ao consumo assume ares de uma sede insaciável, nunca plenamente correspondida. Esse ambiente de frustração coletiva é mais um passo em direção a um vazio e a uma paranóia coletiva, muito propícia a mecanismos de fuga da realidade, como no recurso ao alcoolismo e às drogas. Não nos esquecendo de alternativas extremas como o recurso à violência e ao crime organizado.

No campo religioso, no Brasil, assistimos à eclosão de algumas seitas de natureza neopentecostal, algumas vezes baseadas no incentivo ao acirramento das emoções que chegam a ultrapassar — facilmente em certas reuniões — as fronteiras da histeria. Nesse caso, o demônio ou outras entidades sobrenaturais como exus, pomba giras, encostos ou tranca ruas tornam-se os possíveis responsáveis por fenômenos de natureza social como o desemprego, o alcoolismo e outros vícios, o fracasso sentimental, a solidão ou o endividamento.

Esse contexto se agrava ainda pela busca de solução privada para esses problemas sociais, ou ainda pela dimensão de estar em grupo, mas buscando soluções meramente individuais. Esses contextos demonstram um verdadeiro abandono dessas massas sociais pelo Estado e a sua descrença nas políticas públicas, constituindo práticas que apenas ocultam e protelam o atendimento a demandas sociais inadiáveis.

Uma das saídas possíveis seria dada por um dos aspectos do novo conceito de cidadania: a possibilidade de pensar, realizar e avaliar projetos e ações individuais e coletivas, retomando o debate público e a iniciativa social em direção à mudança.

Aspectos da Educação e a Cultura da Escola

Nessa parte final do trabalho, parto da concepção do cotidiano e de cotidianidade de Henri Lefeb-

vre, de acordo com Sônia Penin (1995). Nela compreendemos um modelo de “cotidianidade” como um dos aspectos básicos da vida em sociedade, pelo menos ou principalmente, desde a década de 1980. De acordo com os autores, aqui encontramos um modelo de identidades construídas num contexto de “programação”, controlado, marcado e comandado com sutileza pelo mercado através de mecanismos como a mídia, o *marketing* e a propaganda. Isso atinge a escola, sua história e sua cultura, através de um duplo objetivo, na tentativa de influência do Estado: – o de torná-la, o máximo possível, um lugar de controle social; – além de servir como espaço privilegiado para propagar e consolidar o modelo do mercado e de seus mecanismos para organizar a produção.

Apresento, a seguir, temas que seleciono para entender os atores da escola no contexto atual, tanto em seus mecanismos de reprodução das estruturas, quanto na observação de perspectivas possíveis de transformação social.

- com relação às classes sociais, as distâncias se expressam nas escolas. Os filhos das classes média e alta, além do colégio pago, têm acesso a inúmeras atividades extracurriculares como cursos, viagens, prática de artes e esportes. Contando ainda com melhor moradia, boa alimentação, lazer e saúde privada. Longe de ser motivo de desânimo, isso apenas fortalece o compromisso de educadores e da comunidade com a escola pública e com iniciativas que contribuam para o crescimento de seus alunos;
- não podemos nos esquecer da expressão de revolta e busca de identidade na formação de grupos de jovens com o vínculo da união, respeito à liderança e a códigos de honra não escritos, que constituem grupos fechados e até violentos. Disputas de ruas ou de bairro chegam à escola, algumas vezes com desfecho trágico, em que

locais de moradia e educação aparecem como limite de demarcação de poder e território;

- importante saber como são tratadas, na escola, situações diferentes dos padrões vigentes como o caso de alunos atléticos, obesos ou muito magros, meninos com trejeitos femininos ou alunos com baixo rendimento escolar, por exemplo.
- quanto às meninas, a estética e o modelo predominante é o de mulheres loiras, altas, magras e bem-sucedidas – como na estética das bonecas Poly e Barbie –, sempre bem-vestidas, com visual bem comportado e guarda-roupa variado;
- paradoxalmente, enquanto as estudantes de escolas privadas lutam contra o excesso de calorias e a ameaça da obesidade, as jovens da escola pública convivem com a ameaça constante de desnutrição;
- o modelo conservador retorna nesse papel social da mulher como esposa e mãe da família nuclear tradicional, que parecia restrito e superado, com nossas jovens aspirando apenas viver uma união estável, conquistada muitas vezes a partir de um namoro firme com um colega de escola.
- o padrão de beleza e sucesso masculino é diferente: meninos fortes e atléticos preparam-se desde cedo para a competição, tanto nos esportes quanto nos vídeo games. É comum vermos nos intervalos das aulas, a maioria dos meninos simulando lutas entre si, como aprendem nos filmes e programas de TV.
- no sentido inverso a esse modelo individualista de papéis bem definidos, é na escola onde se consolidam relações interpessoais consideradas fundamentais: paqueras, namoros, camaradagem, sólidas amizades, formação de grupos artísticos, religiosos, esportivos ou de estudo, que aparecem como contraponto à crença num mundo unicamente competitivo e violento.

O filósofo Cornelius Castoriadis (2002) apresenta uma dupla dimensão complementar para a educação escolar em nossos dias. Ela pode contribuir para a compreensão e atuação na realidade infanto-juvenil delineada acima:

- o primeiro aspecto se refere à aquisição da autonomia, que ele define como a capacidade criativa e crítica de pensar o diferente, rejeitando a acomodação e buscando novas alternativas para os contextos local e mundial em que vivemos;
- o outro objetivo, seria o de criar um ambiente de paixão, de verdadeiro amor e encantamento pela conquista do conhecimento, pelo saber e pelo ato de aprender.

Em ambas as opções, é fundamental a presença firme e atuante do professor. No caso brasileiro, em especial, cabe a continuidade de uma profissionalização efetiva, baseada cada vez mais numa sólida formação cultural, incentivada por uma carreira docente que garanta, pelo menos: – tempo e programas necessários para formação inicial e em serviço; – piso salarial e melhores salários; – vinculados à efetivação de planos de cargo e carreiras. Tudo isso combinado para a recuperação e valorização social da profissão docente e do reconhecimento efetivo da missão do educador.

Como consenso ético mundial de que falei antes, é possível começar por três decisões coletivas consideradas indispensáveis, inadiáveis e fundamentais:

- uma posição firme contra quaisquer formas de guerra e de violência;
- na defesa urgente e radical do planeta, do meio ambiente e da vida na Terra;
- e na luta incessante contra a fome, a pobreza e todas as formas de exploração social.

Nesse contexto, a escola e os educadores ressurgem como atores mundiais e locais privilegia-

dos, convidados a criarem novas formas de participação e de convivência em sociedade. Tornam-se ainda sujeitos particularmente imprescindíveis em três aspectos que se completam e que se tornam relevantes e essenciais: – na construção de práticas socialmente justas e participativas; – no desenvolvimento e na democratização do conhecimento e da cultura. Sempre levando em conta em sua prática: – desde as dimensões mais próximas e familiares do cotidiano; – até as mais complexas práticas e as estruturas que constituem a vida social.

Assim, podem ser renovadas e criadas melhores condições de vida, de relações interpessoais e de convivência social, tanto para as antigas, quanto para as novas e para as gerações que ainda estão por vir.

Referências Bibliográficas

ANDERSON, Perry. *Zona de compromisso*. São Paulo—SP: UNESP, 1996.

BOURDIEU, Pierre. *Sociologia*. S. Paulo—SP: Editora Ática, 1979. (Col. Grandes Cientistas Sociais)

CASTORIADIS, Cornelius. *Entrevista: multirreferencialidade e Ciências da Educação*. São Paulo—SP: Revista da UFSCAR, 2002.

HOBSBAWM, Erik. *A Era dos Extremos: o Breve Século XX*. São Paulo—SP: Companhia das Letras, 1996.

Mac LAREN, Peter. *Rituais na Escola*. Petrópolis—RJ: Vozes, 1991.

MARCUSE, Herbert. *A Ideologia da sociedade industrial*. Rio de Janeiro: Zahar, 1964.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo. *Ética e economia*. São Paulo — SP: Ática, 1995.

PENIN, Sonia. *Cotidiano e escola: a obra em construção*. São Paulo—SP: Editora Cortez, 1995.